

ISABEL E A ESCRITA DE SI: UMA PRINCESA ENTRE O PÚBLICO E O PRIVADO

Maria Luiza de Carvalho Mesquita*

RESUMO: Através das cartas escritas pela Princesa Isabel a seu pai, em 1884, durante sua viagem a São Paulo, podemos observar sua circulação entre os mundos masculino e feminino, público e privado do final do Século XIX.

PALAVRAS - CHAVE: gênero – Princesa Isabel – feminino

ABSTRACT: Through letters written by the Princess Isabel to his father, in 1884, during the trip to São Paulo, we can observe her circulation between the worlds masculine and feminine, public and private of the end of Century XIX.

KEY – WORDS: Gender – Princess Isabel – feminine

Introdução:

O século XIX separou claramente as esferas do público e do privado. No que diz respeito aos sexos, às mulheres estaria destinado o mundo privado, enquanto que aos homens caberia o mundo público, sobretudo o econômico e o político (PERROT, 2005:34). O positivismo do século XIX baseou-se no pressuposto da inferioridade biológica e intelectual feminina para considerar “natural” o estabelecimento dos homens no poder, alijando a mulher da esfera pública (ALMEIDA, 1998: 40).

No Brasil, a idéia de que haveria uma divisão dos espaços na sociedade foi mantida até meados do século XX, inclusive pela historiografia. Até a década de 1960, ela pouco valorizou as mulheres que estiveram a frente de sociedades abolicionistas e literárias, escreveram em livros e jornais, defenderam seus direitos à educação e ao voto, ou estiveram no comando de fazendas e negócios. Isto pode ser caracterizado como uma forma de representação que consolidava o modelo de poder existente masculino e patriarcal (COSTA, 2007:497).

* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Severino Sombra

2

O “eterno feminino” dos determinismos biológicos, cujo discurso, nos séculos XVIII e XIX, reforçava a sujeição das mulheres a seu corpo e a seu sexo, foi rompido a partir das idéias de Michel Foucault. Ele, ao afirmar que não existia o “ser mulher” permitiu que nos estudos sobre gênero não se atribuísem papéis ou destinos fixo às mulheres (assim como aos homens) como ter a maternidade como missão e a reprodução como vocação, abrindo um imenso campo de análises (PERROT, 2005:501-502).

No prefácio a “*Gender and Politics of History*”, Joan Scott estabelece que a definição de gênero é “o saber a respeito das diferenças sexuais”. Busca o conceito de saber em Foucault, o qual significa “compreensão produzida pelas culturas e sociedades sobre as relações humanas, no caso, relações entre homens e mulheres”. Este saber não seria absoluto, mas relativo. Seria a partir dele que as relações de poder (dominação e subordinação) seriam construídas. O termo gênero, não refletiria ou implementaria diferenças físicas fixas e naturais entre homens e mulheres, mas representaria o saber que estabelece significados para as diferenças corporais, os quais variam de acordo com as culturas, grupos sociais e tempo (SCOTT.1994:13).

Utilizando-me desta perspectiva, pretendo neste trabalho fazer um estudo de caso, de uma mulher e herdeira do trono do Império do Brasil, a Princesa Isabel. Isto será feito através da análise de uma coletânea de cartas escritas por ela a seus pais, relatando sua viagem à Província de São Paulo em 1884¹, publicadas em 1957 por Ricardo Gumbleton Daunt sob o título de “*Diário da Princesa Isabel*”.

As cartas e diários fazem parte das “escritas de si”, isto é, uma forma de auto-representação que abarca diários, correspondências, biografias e autobiografias, independente de serem memórias ou histórias de vida, constituindo um novo espaço de investigação histórica. (GOMES, 2004:19).

Segundo Foucault, escrever cartas é “se mostrar, se expor, fazer aparecer seu próprio rosto perto do outro”. A carta é, simultaneamente, “um olhar que se lança sobre o destinatário (...) e uma maneira de se oferecer ao seu olhar através do que lhe é dito sobre si mesmo”(FOUCAULT, 2006:156).

¹ Do dia 5/11/1884 a 27/11/1884

3

Desta forma, pretendo identificar, através da análise, as várias subjetividades² de Isabel - a filha, a mãe, a esposa, a mulher, a herdeira do trono, a figura pública – que circulam entre esses mundos masculino e feminino, público e privado, no Brasil da segunda metade do século XIX.

O Diário da Princesa³

No campo político, o ano de 1884, marcou o acirramento na campanha abolicionista. Na chefia do gabinete ministerial do Império estava o liberal Manoel Pinto de Souza Dantas, nomeado em junho. A Confederação Abolicionista estava em plena atividade e em março deste ano a Província do Ceará havia sido a primeira a libertar seus escravos. A cultura do café, principal produto da economia de então, deslocava-se do Vale do Paraíba para o noroeste paulista e nas províncias do sul crescia a idéia republicana. O Imperador Pedro II, próximo de completar 60 anos, sofria de diabetes o que limitava sua atividade à frente do Império.

Neste contexto, em outubro de 1884, o Conde d’Eu, marido da princesa Isabel, herdeira do trono brasileiro, projetou, para ele e sua família, uma visita às províncias de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul (RANGEL,1935: 353). O gabinete, procurando cultivar o apoio de Isabel, cada vez mais próxima do trono em virtude dos problemas de saúde do Imperador, aprovou a idéia, dando à viagem um caráter oficial e, sobretudo, político.

Uma das primeiras coisas que chama a atenção nos relatos de Isabel é a estratégia que os príncipes utilizavam para atender a todos os compromissos. Com frequência, enquanto um visitava um local ou cidade, o outro ia a um lugar diferente. No dia 11 de novembro, por exemplo, relata Isabel: “em Sorocaba deixei Gaston, e às 4 e meia estávamos em São Paulo”⁴, ou ainda, no dia 17 de novembro “Partimos às 11 e meia e às 4 nos achávamos em São Paulo, tendo deixado Gaston na Estação de Cordeiro, devendo ele ir a Araras e outros pontos”⁵.

²Michel Foucault desenvolveu a noção de subjetivação, que seriam formas, “através das quais os próprios sujeitos participariam de sua construção como sujeitos morais, aceitando, recusando, incorporando, apropriando-se diferenciadamente das linguagens existentes num determinado momento histórico para construírem suas identidades pessoais, sociais e sexuais”. (RAGO, s/d: 84/85)

³ Todas as cartas citadas daqui por diante estão publicadas no livro de Robert Daunt, já referido.

⁴carta de 11/11/1884

⁵carta de 17/11/1884

4

Na maioria das vezes os filhos acompanhavam a mãe em seus compromissos: “Visita, com Pedro e Luís à Santa casa da Misericórdia”⁶, ou “Com Pedro e Luís, fui à importante fábrica de tecidos e impressão de chitas de Diogo de Barros”⁷. Mas, por vezes, os meninos acompanhavam o pai: “Os meninos vão ir ao Seminário com Gaston”⁸.

Isso demonstra a autonomia de um em relação ao outro, no que toca ao aspecto de representatividade na esfera pública, assim como uma divisão de papéis no campo privado, no que diz respeito ao cuidado com os filhos. Grande parte do tempo e da energia do casal d’Eu era devotada à criação e à educação dos filhos. (BARMAN, 2005, p.226).

Como representante da Coroa, Isabel preocupava-se com o contato com os súditos. Seguindo os hábitos de seu pai, marcou “para as pessoas que nos quiserem vir ver, 7 horas da noite, em qualquer dia, que aqui estivermos”⁹. A recepção calorosa que os integrantes da família Imperial tiveram por parte do povo na província de São Paulo também foi alvo dos seus registros: “acolhimento amigável e simpático por toda parte”; “chegada à São Paulo às 5 horas e meia. Muita gente na Estação, apesar da chuva de pedra que tinha desabado sobre a cidade”¹⁰.

Embora os jornais de época acentuassem a pouca popularidade de que desfrutariam Isabel e seu marido, isto não foi impedimento para que uma visita dos herdeiros do trono se tornasse um motivo de curiosidade e festa para as cidades paulistas. E não foi só nos lugares em que passou que a presença da “futura imperatriz” despertou interesse. A imprensa, inclusive a da Corte, seguiu de perto seus passos.

Isabel parecia não gostar muito da perseguição e do assédio da imprensa, chamando os repórteres de “um bando de cascudas”¹¹. Para preservar sua privacidade, chegou mesmo a utilizar-se de uma estratégia: “Mais tarde(...), pedi que só viesse um bonde e manobrassem de modo a pregar-lhes [nos repórteres] uma peça, fazendo com que não soubessem de nossa saída, e assim ver-nos livres deles”¹².

A viagem à Província de São Paulo incluía uma série de visitas oficiais, que iam desde à Câmara, Assembléia e Palácio do Governo à uma infinidade de igrejas, escolas, hospitais,

⁶ carta de 09/11/1884

⁷ carta de 18/11/1884

⁸ carta de 21/11/1884

⁹ carta de 08/11/1884

¹⁰ carta de 06/11/1884

¹¹ carta de 08/11/1884

¹² carta de 29/11/1884

5

fábricas e fazendas. Em sua escrita, Isabel se mostra uma pessoa detalhista descrevendo com frequência os lugares onde se hospedava e visitava. Observava a decoração e a arquitetura das construções, ora para elogiar, ora para tecer suas críticas.

Sobre a residência do Barão de Três Rios, por exemplo, onde se hospedou na cidade de São Paulo escreveu: “Casa magnífica, arranjada com muito gosto, cravos a valer e lindos, begônias magníficas, cama macia, um bom piano que fiz vir da casa Levy.”¹³ Em seus escritos, as flores e a música aparecem com constância, demonstrando seu interesse pelos dois assuntos.

A imagem que havia sido construída para Isabel através da imprensa republicana da época era a de uma fanática religiosa. É curioso observar, no entanto, que os únicos aspectos abordados nas suas cartas sobre suas visitas às igrejas dizem respeito à arquitetura e decoração das mesmas. Isso poderia ser explicado por uma característica do ultramontanismo, filosofia católica seguida pela princesa, que dava preferência às igrejas e cerimônias vistosas, “que apelariam mais ao coração, do que à razão” (BARMAN, 2005: 182).

Ela relata convites e idas à missas e Te-Deuns mas, por vezes, o excesso de atividades políticas e sociais durante sua viagem fizeram com que ela usasse de artifícios para escapar aos compromissos religiosos: “Grande complicação por causa do Te-Deum, do qual ouvimos falar, mas para o qual, por confusão, não nos tinham convidado positivamente. Bastante cansada, não falei nele e, afinal, disseram-no sem nós”.¹⁴

As visitas sociais também ocupavam-lhe grande parte do tempo. Ora era ela quem visitava, ora era visitada. Como permanência dos tempos do absolutismo, ter o privilégio de comparecer à presença da herdeira do trono, ou ser visitado por ela, era extremamente importante na escala de valores sociais. (ELIAS, 2001: 94)

No meio de tantos afazeres, no entanto, ela encontrava espaço para momentos de lazer com seus filhos, que relatava com bom humor:

“Ida ao Ypiranga: nós [Isabel e Gastão] e os dois meninos mais velhos. Na volta o cavalinho de Pedro achou que devia banhar-se nas águas do Ipiranga o bisneto de Dom Pedro I, e deitando-se nelas, fez tomar Pedro um banho completo”¹⁵.

¹³ carta de 06/11/1884

¹⁴ carta de 12/11/1884.

¹⁵ carta de 23/11/1884.

6

Mas não são apenas a família, flores, música, decoração e igrejas, coisas que fariam parte do universo feminino do século XIX, que interessavam à Princesa.

Na visita que faz à Real Fábrica de Ferro de São João do Ipanema, por exemplo, suas preocupações envolvem aspectos administrativos e econômicos, que deveriam pertencer, segundo o discurso da época, ao campo masculino:

“Visita de toda a fábrica, fornos altos, forno para aço ainda sem estar acabado, fundições, edifício muito grande para novas oficinas, etc, etc. Explicações sobre tudo isso e maneira de proceder(...) Infelizmente arranjos em parte primitivos, sem dinheiro por ora para muito mais, e o que é pior ainda, meios de transporte tão caros, que o ferro de Ipanema, em Santos, custa três vezes mais caro, que o vindo da Europa.”¹⁶

Questionando o assunto, propõe soluções: “Se a fábrica estivesse instalada com todos os melhoramentos conhecidos, teria diminuído essa diferença, ou depende ela só do transporte? E se fosse arrendada Ipanema a uma Companhia?”¹⁷

Em visita ao Engenho Central de Capivari seus comentários são direcionados para aspectos que envolvem segurança e melhores condições de trabalho:

“Engenho muito grande, muitos boas máquinas, agradou-me muito, assim como o acolhimento que aí nos fizeram; entretanto, por ora, creio o de Lorena melhor como simplificação para o trabalho, aí tudo está ligado, tudo se aproveita. Duas coisas porém há neste que não me lembro ter visto no outro: uma oficina para consertar as máquinas, e aparelhos, em vários lugares, para extinguir incêndios”.¹⁸

A construção de um hospital moderno é alvo de elogios por parte da princesa: “Visita com Pedro e Luís à Santa Casa de Misericórdia, nova, contendo já enfermarias para 150 doentes, planos segundo as idéias modernas sobre hospitais e muitíssimo bonito”.¹⁹

Desde sua primeira viagem à Europa, Isabel havia sido incentivada por seu pai a visitar e conhecer o funcionamento das indústrias nos países considerados mais avançados. E, segundo suas cartas da época, havia escolhido a Inglaterra como modelo, considerando que, com o tempo, o Brasil poderia alcançar o mesmo nível de desenvolvimento, o que demonstra que a princesa era favorável às idéias de modernidade e progresso, pelo menos no que diz respeito ao aspecto de desenvolvimento tecnológico.

Isabel visita muitas escolas e a educação parece ser também uma de suas preocupações. Ao comparecer nos exames de doutoramento que estavam sendo realizados na Faculdade de Direito de São Paulo critica-lhes a falta de rigor:

¹⁶ carta de 10/11/1884

¹⁷ idem

¹⁸ carta de 12/11/1884

¹⁹ carta de 09/11/1884

“Assistimos ao exame de um aluno do 5º ano. Que exame, meu Deus, e me dizem que assim são muitos!?, e quando eu pensava que houvesse talvez dúvidas em aprovar o rapaz, vejo-o muito concho para passar ao doutoramento! Exames mais complexos passei eu!”²⁰

Tal afirmação, além de mostrar sua reprovação aos exames presenciados, evidencia a educação extremamente rígida que teve a Princesa. Na época em que se iniciou a educação de Isabel, e de sua irmã, Leopoldina, Pedro II estabeleceu um princípio fundamental que deveria ser seguido:

“Quanto á educação, só direi que o caráter de qualquer das Princesas deve ser formado tal qual convém a Senhoras que poderão ter que dirigir o governo constitucional de um Império como o do Brasil. A instrução não deve diferir da que se dá aos homens, combinada com a do outro sexo; mas de modo que não sofra a primeira”. (LACOMBE, 1989:20)

A partir daí, um rigoroso programa de ensino, que incluía cerca de nove horas e meia de aulas diárias, seis dias na semana, foi desenvolvido para educar as princesas.

Numa época em que havia poucas escolas femininas na Corte,²¹ e em que a literatura exaltava como qualidades de uma moça bem educada saber cantar, tocar piano, falar francês, inglês ou italiano, entender de costura, bordados e conversar com graça (BERNARDES, 1988:65), a educação de Isabel ultrapassou em muito os padrões da época. Poderia apenas ser comparável à que era dada no Imperial Colégio Pedro II, destinado a preparar a elite dirigente do país.

Apesar de ser 1884 um ano de recrudescimento da campanha abolicionista, a questão servil é um ponto em que Isabel toca em apenas uma ocasião: “Visita à Câmara Municipal [de Itu] (...) onde entreguei 14 cartas de liberdade, arranjadas por meio de um fundo de emancipação”.²²

Embora totalmente favorável ao fim da escravidão, o envolvimento de Isabel com a libertação de escravos tinha, até então, um caráter caritativo, permeado pela noção de doação da liberdade. Desde criança ela acostumara a presenciar a concessão de liberdade aos escravos em datas comemorativas, como fizera ela própria por ocasião do seu casamento (DAIBERT JR, 2007:158). A adesão progressiva da Princesa à causa abolicionista é que a

²⁰ carta de 08/11/1984

²¹ De acordo com os anúncios publicados no Almanaque Laemmert, à época da educação das Princesas, existiria na Corte 14 colégios para meninas.

²² carta de 13/11/1884

levará a ultrapassar esse caráter meramente caritativo, culminando com a abolição da escravidão quatro anos mais tarde.

No dia 27 de novembro de 1884, Isabel e sua família seguiram viagem para as demais províncias do sul do país, despedindo-se da cidade de São Paulo. Numa visão futurista, provavelmente involuntária, a Princesa teceu um comentário sobre a cidade: *“situação magnífica e proporção para uma cidade esplêndida, alguns edifícios bonitos, mas em geral nenhuma arquitetura e muita linha torta.”*²³

Conclusão

Neste diário, podemos ter um bom painel da Princesa num período mais próximo àquele em que poderia vir a se tornar Imperatriz do Brasil. Ela mantém as características femininas próprias de sua época e de sua condição social. A religiosidade também faz parte do seu cotidiano. Mostra-se uma mulher inteligente, observadora, interessada em política e economia, valorizando o que é moderno. Demonstra ter consciência de seu papel dentro do Império e o desempenha com aparente desenvoltura.

Além de ter tido uma formação primorosa para os padrões da época, seus vários períodos de estada na Europa e seu amadurecimento pessoal fizeram com que ela incorporasse um estilo de vida com muito mais autonomia. A imagem de mulher submissa “era cada vez menos adequada para representar as mulheres das classes média e alta nas últimas décadas do século XIX” que teriam sido privilegiadas por uma educação esmerada, com mais oportunidades de participar de um mundo de mercadorias, símbolos e modelos de comportamento, equivalentes ao de países tidos como desenvolvidos. (COSTA, 2007:497). E Isabel se enquadra perfeitamente nesta categoria.

Discordo de Roderick Barman quando este afirma que ela viveu uma “existência subordinada, explorada e limitada” e que seu gênero tenha impedido que antes dos quarenta anos²⁴ desenvolvesse um senso de agência nos negócios públicos (BARMAN, 2005:330).

No contexto do século XIX, a aceitação de determinadas regras pelas mulheres não significava, necessariamente, alienar-se, mas construir recursos que lhe permitisse deslocar ou subverter uma relação de dominação (SOHIET, 2003). Ser mulher não impediu Isabel de ter uma educação privilegiada, nem de construir uma visão política.

²³ carta de 08/11/1884

²⁴ Nesta viagem, Isabel contava 38 anos de idade.

Prefiro classificá-la como uma mulher de seu tempo,²⁵ nem anacrônica nem estranha no ninho. Aproprio-me das características que Emília Viotti da Costa utiliza no seu estudo sobre a mulher no século XIX: como as demais de seu tempo e categoria social, a princesa era dividida entre as idéias de progresso e de modernidade, a influência da Igreja Católica e a permanência de normas culturais tradicionais (COSTA, 2007: 501). Acrescente-se que ela havia sido educada para governar e tinha capacidade para isso. Desta forma, ela circulou entre os mundos feminino e masculino, público e privado como exigiam sua posição social e suas atribuições de herdeira do trono do Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ALMEIDA**, Jane Soares. *Mulher e educação: a paixão pelo possível*. São Paulo: Editora UNESP, 1998
- BARMAN**, Roderick. *Princesa Isabel do Brasil: Gênero e Poder no século XIX*. SP: UNESP, 2005
- BERNARDES**, Maria Theresa Caiuby Crescenti. *Mulheres de ontem? Rio de Janeiro, século XIX*. SP: T. A. Queiroz, 1988
- COSTA**, Emilia Viotti. *Patriarcalismo e patronagem: Mitos sobre a mulher do século XIX*, in *Da Monarquia à República*. SP: UNESP. 2007
- DAIBERT JR**, Robert. *Princesa Isabel (1846 – 1921): a “Política do Coração” entre o trono e o altar*. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em História Social, IFCS, UFRJ, 2007
- DAUNT**, Ricardo Gumbleton. *Diário da Princesa Isabel*. São Paulo: Editora Anhembi Ltda, 1957
- ELIAS**, Norbert. *A Sociedade de Corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001
- FOUCAULT**, Michel. *Ética, sexualidade e Política*. In MOTTA, Manoel de Barros (org) *Coleção Ditos e escritos*. Vol. 5, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006
- LACOMBE**, Lourenço Luiz. *Isabel, A princesa Redentora*. Petrópolis: Instituto Histórico de Petrópolis, 1989
- PERROT**,Michelle. *As mulheres ou o silêncio da história*. Bauru: EDUSC, 2005
- RAGO**, Margareth. *Foucault, História e Anarquismo*, Achiamé, s/d

²⁵ “Os homens se parecem mais com seu tempo do que com seus pais” Provérbio Árabe.

10

RANGEL,Alberto. *Gastão de Orléans: o último Conde d'Eu*.SP: Cia Editora Nacional, 1935

SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. in Educação e realidade, Porto Alegre, 16(2):5-22, jul/dez.1990

_____. *Prefácio a Gender and Politics of History*, in Cadernos Pagu (3) 1994: pp. 11-27.

SOHIET, Rachel . *História das Mulheres e Relações de Gênero: algumas reflexões*. Revista Digital Com Ciência, nº50, Dezembro /Janeiro 2003- Mulheres nas Ciências, disponível em: <http://www.comciencia.br/reportagens/mulheres/16.shtml>